



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio Capital

São Paulo-SP, 23 de junho de 2009.

Jornalista: Oi, gente! Boa tarde. Boa tarde, Eli. Boa tarde a todos os ouvintes da Rádio Capital. Nós estamos aqui, chegando do Rio de Janeiro com o presidente Lula, em entrevista exclusiva à Rádio Capital. Boa tarde, Presidente.

Presidente: Boa tarde, Eli. Boa tarde, ouvintes da Rádio Capital. É um prazer, Eli.

Jornalista: Presidente, a viagem foi boa, não é? Tranquila, lá no Rio...

Presidente: Foi tranquilo, porque nós fomos inaugurar o... Na verdade, o lançamento de um programa de recuperação do porto do Rio de Janeiro, que é uma obra muito importante para os próximos cinco anos, já combinado com a Copa do Mundo, de fazer uma recuperação do porto, recuperar toda aquela área do porto, para a gente transformar o Rio de Janeiro, ainda, numa cidade mais bonita do que ela é.

Jornalista: Agora, hoje, aqui, o senhor está cheio de compromissos, começando pelo Albert Einstein, que o senhor vai seguir daqui a pouquinho, depois tem o Morumbi para... O Morumbi, dizem que o estádio não está muito bom para a Copa do Mundo, dizem que de todos os estádios, segundo informações que eu estava lendo, é o estádio que precisa de mais reformas.

Presidente: Olha, Eli, eu tenho o compromisso de visitar o Morumbi, porque o presidente do São Paulo me apresentou um projeto para a recuperação do



Morumbi, ou seja, a reestruturação do Morumbi. E aqui depende muito da vontade do Governador e do Prefeito, porque se um estado rico como São Paulo resolve fazer um novo estádio, São Paulo tem condições de fazer um novo estádio, até porque se fizer um estádio público, quem vai utilizar é o Corinthians, (incompreensível).

Eu acho que nós precisamos tomar cuidado com duas coisas, Eli. Nós vamos realizar a Copa do Mundo no Brasil, em 2014, e nós também não podemos exagerar e gastar aquilo que nós não temos, ou seja, é preciso que a gente tenha uma boa Copa do Mundo, que os estádios estejam bem estruturados, é preciso de ter um bom local para a imprensa fazer a cobertura, que tenha um estacionamento. Mas a gente precisa imaginar que é um campeonato que termina quando termina a Copa do Mundo. São praticamente 30 dias de Copa do Mundo, 30 ou 40 dias antes, ou seja, e nós não podemos fazer investimento de coisas que a gente não vai utilizar depois.

Portanto, é preciso que a gente tenha muito cuidado, porque nós vamos estar utilizando dinheiro do povo, e esse dinheiro tem que ser utilizado para melhorar a vida do povo depois que acabar a Copa do Mundo, não apenas para os que vierem aqui.

E aí, tem a questão de metrô, tem a questão de corredor de ônibus, tem a questão hoteleira, que São Paulo já tem uma boa estrutura. E o Morumbi está se apresentando como uma possibilidade. Há uma divergência, já está explicitada pela imprensa, eu não vou entrar na divergência, obviamente, eu vou querer conhecer o projeto e, no momento certo, eu darei a minha opinião, se o Morumbi está em condições ou não de ser o estádio, ou seja, da abertura ou do encerramento da Copa do Mundo.

Jornalista: Agora, Presidente, dia 1º de julho, na próxima semana, vai ser a decisão da Copa do Brasil, com o nosso Corinthians. Eu também sou corinthiano. E vai completar seis anos e meio o seu governo, seis anos e meio



já. Eu perguntaria ao senhor: qual a grande conquista que nesses seis anos e meio, a serem completados dia 1º de julho, o senhor pode nos dizer e qual a grande decepção que o senhor teve (incompreensível).

Presidente: Eli, ontem eu fui ao estado do Paraná, a uma cidade chamada Congonhinhas, inaugurar o número... Nós acabamos de fazer ligações elétricas na casa, 2 milhões e 40 [mil]. Falando 2 milhões e 40 [mil] parece pouco, mas isso significa levar energia elétrica de graça a 10 milhões de pessoas. Eu estava dizendo agora, no Rio de Janeiro: os números são extraordinários. Por conta desse programa Luz para Todos, nós já colocamos no Brasil 4 milhões e 620 mil postes. Isso significa a utilização de 883 mil quilômetros de cabo, de fio, e isso significa 708 mil transformadores colocados no Brasil. Mais importante é que 45% das pessoas que receberam o Luz para Todos, das famílias, tem gente que voltou a estudar à noite. Mais importante: por conta do Luz para Todos, as pessoas compraram já 1 milhão e 540 mil televisores, 1 milhão e 462 [mil] geladeiras e 894 aparelhos de som. Oitocentos e noventa e quatro mil.

Jornalista: Quer dizer, não é só a luz que chega?

Presidente: Não, não. Quando a luz chega, atrás dela chega um monte de coisas. Você imagina, chega uma geladeira, uma máquina de lavar, um televisor, um liquidificador...

Jornalista: E o mais importante: a pessoa pode voltar a estudar à noite.

Presidente: As pessoas podem voltar a estudar à noite, e essa coisa, Eli, é importante pelo seguinte: quando você coloca uma luz na casa de uma pessoa que viveu a vida inteira com um candeeiro, é como se você estivesse



transportando ela do século XVIII para o século XXI. É uma mudança quase que mágica na vida das pessoas, e esses programas, eles vão atendendo aquela parte mais necessitada da sociedade. Nós tínhamos previsto atender 2 milhões de famílias, que eram os dados que o IBGE tinha publicado na época. Nós já atingimos mais de 2 milhões de famílias, mas o que o aconteceu? É que quando nós fomos a campo fazer o programa Luz para Todos, nós descobrimos mais 1 milhão além daqueles que o IBGE tinha colocado nos seus dados de 2003, e agora nós vamos atender mais 1 milhão de famílias, ou seja, significa mais quase 5 milhões de pessoas.

Jornalista: Essa é uma das grandes conquistas que o senhor considera, do seu governo?

Presidente: Essa é uma conquista importante, mas a conquista maior que eu acho que nós temos que ter é a inclusão de 20 milhões de brasileiros na classe média, além do programa do ProUni, que nós temos hoje 545 mil jovens da periferia fazendo universidade, o que é uma revolução neste país, dos quais 40% são jovens negros e negras, ou seja, uma conquista extremamente importante. Além disso, nós estamos fazendo 12 universidades novas, 101 campus, ou seja, extensões universitárias, e 214 escolas técnicas. Só para você ter dimensão, em 93 anos o Brasil construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214. Se, quem vier depois de mim, tiver muito mais ousadia do que eu e fizer mais do que eu, quem sabe daqui a dez anos a gente tenha o Brasil em uma situação muito mais confortável.

Jornalista: Presidente, o senhor falou em quem vier após o senhor. Volta e meia tem sempre alguém aí pretendendo um terceiro mandato do senhor, e isso acaba mexendo... mexendo, não, querendo mexer na Constituição, terceiro mandato para o presidente Lula. Aliás, eu fiz um inquérito no programa



um dia desses, quando isso foi ventilado, e uma boa parte gostaria que o senhor permanecesse no governo. Agora, eu pergunto: o senhor tem falado várias vezes que é contra esse terceiro mandato, mas existe alguma coisa que pudesse acontecer para o senhor mudar de ideia?

Presidente: Não, não existe. Não existe, porque eu respeito muito a democracia que nós conquistamos no Brasil. Nós temos uma constituição que já foi mudada, porque antigamente você não podia ter reeleição. Ela já foi mudada em 1996 para o presidente Fernando Henrique Cardoso ser reeleito em 98. E eu acho que precisa ser mantida assim, ou seja, você tem um mandato de quatro anos depois, se você fez um bom governo, você tem outro mandato, depois você tem que dar lugar para outra pessoa. A alternância de governo, ela é importante porque o povo sempre vai tendo a sorte, sabe, de poder encontrar uma pessoa melhor, uma pessoa que faça mais, uma pessoa que inove, e eu acho que depois de oito anos a gente tem que dar o lugar para outro, descansar e ficar pedindo a Deus que a pessoa que vier depois faça mais e faça melhor do que a gente.

Jornalista: Então, em uma frase, como o senhor definiria aqueles que insistem em um terceiro mandato? Como o senhor definiria para essas pessoas, sejam elas políticos...

Presidente: Porque eu não quero ser candidato pela terceira vez. Aliás, o deputado Genoíno arquivou o pedido, portanto não existe nem essa hipótese mais na Câmara dos Deputados.

Jornalista: Falando em Câmara dos Deputados, Presidente, (incompreensível) para o Congresso, o senhor tem se preocupado com as críticas, com as



denúncias envolvendo o Senado e, através dele, o Sarney que, aliás, o senhor defendeu recentemente?

Presidente: Eu tenho preocupação por várias razões. Primeiro, eu acho que o “denuncismo” no Brasil, ele precisa ter consequências, ou seja, na medida em que eu faço uma denúncia contra uma pessoa, isso tem que ter um segmento capaz de provar se a pessoa errou. Se ela errou, ela vai pagar; se ela não errou, alguém pede desculpas e fica resolvido o problema. O problema é que, de vez em quando, a gente se esquece de discutir as coisas mais importantes do País e ficamos discutindo as coisas secundárias. Ora, se houve alguém no Senado que cometeu o erro de contratar uma pessoa indevidamente, essa pessoa é dispensada, que peça desculpas à sociedade brasileira, mude essa norma de contratação das pessoas e está resolvido. O que você não pode é estabelecer um processo de paralisia da atuação do Legislativo por conta de uma coisa que existe há 40, 50 anos neste país. Nós estamos achando – e já fizemos a proposta – que é preciso que a gente faça uma reforma política no Brasil, para a gente poder reforçar os partidos políticos, para a gente poder sonhar com uma política um pouco mais nobre do que ela é hoje.

Então, a minha solidariedade é porque eu acho que o presidente Sarney já foi presidente da República, ou seja, um homem que foi presidente da República, ele tem muita responsabilidade, ele tem um passado que lhe garante muitas coisas neste país. E o presidente Sarney está fazendo uma investigação. Se na investigação for provado que houve erro, pune-se quem errou, e a vida continua. O que você não pode é paralisar o País por conta disso.

Hoje eu dizia, por exemplo: nós tivemos um bom crescimento do emprego no mês de maio. Entretanto, a manchete de alguns jornais brasileiros não era o emprego, era um funcionário do Senado, ou seja, era a contratação ilegal no Senado. Ou seja, quando você começa a fazer uma inversão de



valores, ou seja, colocar em primeiro lugar o que é em segundo lugar e colocar em segundo lugar o que deveria ser em primeiro lugar, você passa para a sociedade a noção de que tudo está errado quando, na verdade, tem coisas erradas, mas tem muita coisa certa, no Brasil. E, muitas vezes, essa coisa certa não aparece com a plenitude que deveria aparecer, para que as pessoas possam fazer juízo de valores. Porque, veja, na medida que você começa a fazer muitas críticas ao Congresso e aos partidos políticos, o que vem depois disso? Você pensa que é melhor? Você viu o que aconteceu na Itália, com as ligas, ou seja, piorou a política na Itália.

Então, eu penso que nós temos que criar as condições para valorizar a política e acreditar na sabedoria do povo, gente! Daqui a um ano e meio tem eleições para deputado, para governador, para senador, ou seja, o povo pode mudar todo mundo, ou seja, pelo menos no Senado são 2/3, na Câmara é 100%. O povo pode votar e pode escolher, quem sabe, as pessoas que o povo entenda que vão ser as pessoas especiais que a sociedade precisa.

Mas, além da democracia, o que nós temos? O Congresso Nacional funcionando é uma garantia da democracia. Nós já vivemos com ele fechado, e nós sabemos que isso não é bom para a nação. Por isso é que eu defendo as instituições, acho que as críticas são importantes, na medida em que elas obrigam as pessoas a fazerem as correções que têm que fazer, mas você não pode banalizar, ao ponto de levar a sociedade a desacreditar em tudo. Uma sociedade que começa a votar, como já votamos em outra época, em “cacarecos”, a votar como se fosse um gesto de estupidez e não um gesto de garante da democracia, quem perde com isso é o País.

Jornalista: O senhor falou agora há pouco, Presidente, sobre a retomada de empregos. Realmente, os jornais estão dando um destaque, talvez não na medida em que o senhor realmente citou como deveria ser. Porém, Presidente... Agora, o senhor vê, a crise que afetou o mundo e, em particular o



Brasil, um pouco menos, já passando, Presidente?

Presidente: Eu vejo. Veja, na verdade, se não tivesse quebrado o Lehman Brothers, que foi o primeiro grande banco que quebrou, possivelmente essa crise tivesse chegado menor no Brasil, porque o que fez a crise se agravar foi a falta de crédito no mundo. Ou seja, o crédito desapareceu no mundo, os bancos sentaram em cima do dinheiro. No caso do Brasil, nós tínhamos aproximadamente 30% do crédito no Brasil era crédito externo, de grandes empresas, como Petrobras, Vale do Rio Doce, Votorantim. Essas empresas pegavam dinheiro em dólar. Na medida em que acaba esse crédito, as pessoas se voltam para dentro do Brasil. Então, você tinha 30% a mais do crédito, que não estava disponibilizado, e as grandes empresas foram pegando o dinheiro e foi ficando faltando dinheiro para as pequenas empresas, sobretudo para o capital de giro.

O crédito está voltando à normalidade, está voltando à normalidade, ainda não como deveria ter voltado, o *spread* bancário ainda está maior do que estava antes da crise, e nós agora estamos criando um mecanismo para facilitar o capital de giro. Alguns setores já estão funcionando. Vejam que nós lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida, que é 1 milhão de casas. É a primeira vez no Brasil que alguém lança um programa de 1 milhão de casas. Nós fizemos desoneração de material de construção civil, fizemos desoneração de geladeira, fogão, máquina de lavar, fizemos desoneração do IPI de automóveis, estamos estudando que política nós vamos fazer para caminhões e para ônibus, fizemos o programa Mais Alimentos, que está financiando 60 mil tratores e 78 cavalos para a agricultura familiar, e 300 mil máquinas agrícolas e implementos agrícolas. Isso, hoje, é responsável por 75% da venda de tratores no Brasil. Já foram vendidos 11 mil tratores em dez meses.

Então, nós estamos tomando as medidas que forem necessárias. Não vamos fazer nenhuma loucura. Não há porquê ter precipitação. Nós vamos



agindo na medida em que o governo entenda que aquela medida pode ajudar um determinado setor a crescer. A volta do crescimento do emprego é uma coisa auspiciosa, porque nós tivemos uma precipitação no mês de dezembro, quando as indústrias deram férias coletivas para poder desovar os seus estoques, coisa que não precisariam ter dado. Ficou um mês sem produzir e isso teve implicação no PIB industrial.

Jornalista: Inclusive na falta de geladeira e fogão no mercado.

Presidente: De qualquer forma, as pessoas agora parece que estão ficando equilibradas, o pânico já passou e eu acho que as pessoas estão percebendo que o Obama está tomando medidas nos Estados Unidos, a União Europeia está tomando medidas. Na hora em que o mundo voltar à normalidade, o Brasil sairá na frente de todos os países porque nós temos uma capacidade produtiva ociosa razoável, que a gente pode crescer mais rapidamente. Nós temos uma agricultura muito dinâmica, mas muito dinâmica, e eu penso que o Brasil está no ponto para se transformar em uma grande economia mundial.

Jornalista: Por tudo aí que o senhor falou, sobre essas medidas que o senhor tem tomado, o senhor atribui a isso a sua popularidade de quase 80%, surpreendendo a todos, Presidente? A ponto de o Obama dizer que o senhor “é o cara”.

Presidente: Eli Corrêa, eu não me importo muito com as pesquisas, porque a pesquisa é como...

Jornalista: Mas faz bem, não é, Presidente?

Presidente: Não, faz bem. É como você medir a pressão, você fica satisfeito



quando a pressão está 12 por 8, 11 por 7, e você fica preocupado quando ela está 20 por 14, ou seja... Então, eu acho que pesquisa de opinião pública é como pressão: dependendo do momento que você faz, ela pode estar alterada.

Nós temos trabalhado, e eu acho que a partir de agora nós só vamos colher aquilo que nós plantamos. Nós plantamos muita coisa. Este país tem uma quantidade de obras que há mais de 30 anos ele não tinha. Há mais de 30 anos. Nunca se fez tanto saneamento básico, nunca se fez tanta estrada, nunca se fez tanta ferrovia, nunca se fez tanta hidrelétrica, nunca se investiu tanto na educação, nunca se investiu tanto na universidade, nunca se investiu tanto no ensino fundamental.

Então, como nós plantamos muito, investimos na agricultura familiar, investimos nos pobres... Ontem eu lancei o Programa para Agricultura 2009-2010. É maior programa da história do Brasil: R\$ 107 bilhões para financiar a agricultura brasileira, dos quais 15 bilhões para financiar a agricultura familiar. Quando eu entrei no governo, eram 2 bilhões, hoje são 15 bilhões.

E eu tenho dito para os trabalhadores: tomem emprestado, invista seu dinheiro, que não faltará dinheiro para vocês. Por que, qual é a lógica? A lógica é a seguinte: nós somos um país capitalista. Na medida em que o povo tenha recurso para comprar, ele vai exigir do comércio mais compra, e o comércio vai exigir da indústria mais produção, a indústria vai contratar mais trabalhadores, vai pagar mais salário, vai ter mais renda e todo mundo vai viver muito melhor. É uma lógica simples, que não precisa ter um curso universitário para saber disso, é só ter sensibilidade e compreender a lógica da economia. É uma roda gigante, ela não pode parar, nunca pode parar, ela tem que trabalhar sempre girando, sempre colocando mais gente na roda gigante, para que a gente possa ver o país crescer.

Nós passamos muito tempo paralisados, ou seja, o Brasil passou praticamente 25 anos crescendo a quase nada, sem investimento de obra pública. Se eu perguntar para você que grande obra foi feita no governo



Fernando Henrique Cardoso, é capaz de você não lembrar; se eu perguntar que grande obra foi feita no governo Collor, você não lembra; se eu perguntar no Itamar, você não lembra; se eu perguntar no presidente Sarney, você não lembra.

Jornalista: E no governo do presidente Lula?

Presidente: Veja, a Ferrovia Norte-Sul, se você pegar que o Sarney lançou ela em 1987, e que passou o Sarney, passou o Collor, passou o Itamar, passou o Fernando Henrique Cardoso e foi feito apenas 215 quilômetros, e que eu, em oito anos, eu vou fazer 1.500 quilômetros; se você imaginar que nós vamos fazer 1.007 quilômetros da ferrovia Transnordestina, se você imaginar que nós vamos começar agora a ferrovia ligando a Bahia à Norte-Sul, começando lá em Ilhéus, na Bahia, chegando em Barreiras, onde se planta muita soja; se você imaginar a quantidade de investimento em saneamento básico... E não sou eu que estou falando, não. Pode ir na Fundação Getúlio Vargas, pode ir aonde você quiser, saber se em algum momento da história do Brasil teve a quantidade de investimento em saneamento básico. Aliás, é melhor perguntar para o próprio governador Serra, é melhor perguntar para o próprio prefeito Kassab, independentemente do partido que seja. Eu não quero saber se o prefeito é do Corinthians, se é do São Paulo, se é do Santos, se é do DEM, se é do PSDB, se é do PT...

Jornalista: Ou do Palmeiras...

Presidente: ...ou do Palmeiras. A minha preocupação é saber o seguinte: falta saneamento básico no Brasil? Falta. Significa que isso prejudica a qualidade de vida das pessoas. Então, vamos fazer os investimentos necessários. E estamos fazendo, estamos fazendo. Em setembro, se Deus e Nossa Senhora



Aparecida ajudar, nós vamos lançar o edital do trem-bala aqui no Rio de Janeiro, aqui em São Paulo, ligando Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, para você poder andar de trem, confortável, até o Rio de Janeiro. Sai daqui de manhã, vai tomar um banho de praia e volta para cá, e faz o teu programa na segunda-feira sem preocupação...

Jornalista: Trem-bala a 200 por hora, hein, Presidente?

Presidente: ...de o avião cair.

Jornalista: Agora, Presidente, houve uma queda na arrecadação. Isso afeta os planos do senhor para o PAC, o processo de aceleração...

Presidente: Não, não afeta porque nós não iremos tirar um centavo do PAC. Eu tirei dinheiro de qualquer outra coisa, mas não tirei do PAC. Agora, eu vou conversar com o ministro Guido Mantega, porque hoje eu fiquei sabendo de uma notícia, que a Previdência Social teve a sua arrecadação recorde este mês, recorde este mês. Então, eu quero saber o que está acontecendo, que nós estamos arrecadando mais na Previdência e estamos arrecadando mais na Receita. Deve ser algum problema de mês porque tem tempos diferentes de as pessoas contribuírem.

Eu acho que o mundo inteiro sabe que tem uma crise. Todo mundo sabe que essa crise não nasceu em nenhum país pobre. Nasceu exatamente nos Estados Unidos, na União Europeia. Todo mundo sabe que essa crise foi por conta da especulação financeira, se vendia papel ao invés de se vender produtos. Então, eu penso que as pessoas estão maduras para compreender que o Brasil necessita de investimentos. E essa crise, Eli, tem uma coisa sagrada. Essa crise, ela, necessariamente, obriga os governantes a investirem mais. Não tem tempo de a gente ficar chorando: “ah, diminuiu minha receita, o



orçamento está pequeno”. A dona de casa que está nos ouvindo agora, o trabalhador que está nos ouvindo, ele sabe perfeitamente bem que o Estado é que tem que fazer os investimentos agora, fazer os investimentos para compensar o recuo da indústria, e nós estamos fazendo isso.

Jornalista: Presidente, o senhor acha que chegou a hora de uma mulher comandar o Brasil, ser presidente do Brasil? Porque existem os países, Alemanha, Chile...

Presidente: Eu, há 35 anos, tenho uma mulher mandando na minha casa, sabe, e o resultado tem sido bom. Por isso estamos há 35 anos governando juntos. Veja, eu acho que a questão não é uma questão de gênero, eu acho que quando você vai escolher alguém para ser candidato a presidente da República, você escolhe aquela pessoa que você conhece, que está mais preparada. Hoje, eu acho que tem pouca gente preparada no Brasil como está a ministra Dilma, porque ela como executora dos programas do governo, é ela que trabalha cotidianamente fiscalizando o PAC, o programa Minha Casa, Minha Vida, as hidrelétricas, as pontes que nós estamos fazendo, e como ela é uma mulher muito competente, muito inteligente, eu acho que ela está apta a disputar as eleições, sabe, e com a compreensão do povo poderá ganhar as eleições. Agora, falta um ano ainda para as eleições, um ano e meio. Nós temos que ser cautelosos, ter cuidado, porque eleição e mineração a gente só sabe o resultado depois da apuração.

Jornalista: Presidente, o jornal O Estado de São Paulo vem publicando uma série de depoimentos do ex-oficial do Exército, ex-deputado Sebastião Curió, revelando fatos sobre a Guerrilha do Araguaia. O governo não libera os arquivos da ditadura militar, por quê?



Presidente: Veja, primeiro, todas as vezes que nós fomos procurar os arquivos, esses arquivos inexistem, grande parte deles. Tudo aquilo que podia ser liberado já está no arquivo nacional, aquilo que o governo teve acesso, aquilo que foi apurado. Agora mesmo o ministro Jobim está constituindo uma comissão para fazer uma investigação nas regiões do Araguaia em que as pessoas pressupõem, sabe, que tem corpos enterrados lá.

Tem uma divergência entre o ministro Jobim e o Paulo Vanucchi, que é a questão de participação dos familiares, que eu vou sentar com eles esta semana para resolver esta questão. O Jobim esteve comigo há 15 dias atrás. E é engraçado porque uma das pessoas que eu pedi para o ministro Jobim conversar foi o Curió. (incompreensível) O Curió é um homem que deve saber de muita coisa. Nem sei se o Jobim conversou com ele, mas se ele começou a falar, é importante que a gente leve o que ele está falando, que a gente analise o que é verdade, o que não é verdade, porque também você não pode ficar atrás do “chutômetro”, ou seja...

Depois, nós vamos, acho que em agosto, entrar com uma propaganda na televisão fazendo um chamamento às pessoas que têm informações que puderem dar e contribuir, para a gente também sossegar as famílias, porque uma mãe que tem um filho desaparecido e que não sabe o paradeiro dele, essa mãe, ela só vai se conformar no dia que ela puder saber que seu filho morreu, onde morreu, como morreu, e enterrar o filho.

Eu acho que nós precisamos fazer isso de forma muito madura, muito consciente, sem nenhum revanchismo, apenas fazendo as coisas corretas, para que o Brasil tenha a sua história verdadeiramente contada.

Jornalista: Presidente, aqui em São Paulo, o governador José Serra criou uma lei anti-fumo, o Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sancionou lá, um texto sobre o assunto. A nível federal Presidente, em termos federais, o governo pretende fazer alguma coisa sobre o tema cigarro?



Presidente: Olha, o ministro da Saúde, o ministro da Saúde mandou uma proposta que está na Casa Civil sendo analisada no aspecto jurídico para que a gente possa tomar uma atitude a nível nacional. Ou seja, é preciso que a gente faça isso sem criar, sabe, nenhum problema com as pessoas que têm o vício de fumar, porque todo mundo que fuma tem consciência que fumar faz mal. Ninguém fuma achando que faz bem, todo mundo sabe que o fumo faz mal, como todo mundo sabe que a bebida faz mal. Então todo mundo sabe dessas coisas todas. Nós já cuidamos da publicidade disso, ou seja, já não tem mais publicidade de tabaco em nenhum momento. Ou seja, e essa lei, assim que a Casa Civil mandar para minha mesa eu assino, não tem nenhum problema da gente criar maiores dificuldades possível para diminuir o tabagismo no Brasil.

Jornalista: O que o senhor gostaria de fazer ainda que o senhor não fez na Presidência?

Presidente: Eli, nós estamos fazendo tanta coisa que eu só peço a Deus para acabar o que nós estamos fazendo. Ou seja, eu não vou inventar mais nada, eu não vou inventar mais nada, porque faltando um ano e meio para o governo você não pode fazer um novo projeto para fazer uma nova coisa. Eu, quando chegar em janeiro de 2010, eu quero produzir um outro PAC, um PAC 2011, 2015, para que quem vier depois de mim encontre um país preparado com projetos. Porque hoje no Brasil, Eli, para você fazer uma obra, você primeiro tem que fazer um projeto básico, depois você tem que fazer um projeto definitivo da obra, depois você tem que fazer licitação, você tem que conseguir o licenciamento ambiental, depois você faz a licitação, depois da licitação você responde às demandas jurídicas ou do Tribunal de Contas da União ou da empresa que perdeu, que entra no Poder Judiciário. Então, hoje a verdade é a



seguinte: uma obra, se você pensar ela hoje e for começar e você não tiver projeto, você não termina nenhuma obra estruturante em um mandato de quatro anos. E o que eu quero deixar para quem vier depois de mim é uma quantidade de projetos na prateleira, que as pessoas que quiserem fazer a obra, só vai fazer a licitação porque o projeto estará pronto.

Jornalista: Agora Presidente, o Brasil emprestou 10 bilhões para o FMI. O que é isso Presidente?

Presidente: Olha, eu acho que é a benção de Deus. Eu, durante 20 anos da minha vida carreguei faixas por este país a fora “fora FMI”, porque o FMI emprestava dinheiro e depois os diretores do FMI ficavam tendo ingerência no País. O Brasil passou a década de 80 e a década de 90, em uma situação perversa devendo ao FMI, você cansou de ver nas manchetes dos jornais, as mulheres e os homens do FMI descendo nos aeroportos brasileiros para fiscalizar a contabilidade brasileira, para dizer o que a gente ia fazer e o que a gente não ia fazer. Eu, quando tomei posse, nós conseguimos passar 2003, preparamos o Brasil direitinho, quando a gente tinha condições, eu telefonei para o presidente Rato, que era o presidente do Fundo Monetário Internacional e falei: você pode vir aqui buscar o seu dinheiro, porque eu não quero mais dinheiro do FMI. Era engraçado porque ele não queria que a gente devolvesse o dinheiro, ele queria que o Brasil continuasse devedor. Disse: “Não, não quero”. E nós, nessa coisa toda, nós melhoramos a economia brasileira, fizemos uma reserva de US\$ 207 bilhões e fomos para Londres na reunião do G-20. Chegou lá, todo mundo entendeu que era preciso dar mais dinheiro ao FMI para que ele pudesse emprestar dinheiro aos países mais pobres sem condicionalidades. O FMI tem que emprestar dinheiro e não tem que ficar xeretando dentro do país. É preciso permitir a soberania do país e cada



governo cuide do seu país, porque foi o povo que elegeu e, portanto, ele tem soberania para isso.

Bom, na medida em que nós propusemos que o FMI deveria ter mais dinheiro, o Brasil pôde emprestar US\$ 10 bilhões ao FMI. A China emprestou US\$ 40 bilhões, certamente os Estados Unidos vão emprestar um montante mais ou menos assim, e eu fico feliz de o Brasil sair da condição humilhante de devedor do FMI, em que a gente todo ano ia pedir desculpa ao FMI, para chamar eles aqui e falar: olha, vocês querem US\$ 10 bilhões, nós vamos emprestar para vocês, na expectativa de que vocês emprestem para os pobres. Então, é uma coisa orgulhosa. Eu acho que é uma conquista do povo brasileiro, uma conquista.

Jornalista: Presidente Lula, o senhor conhece o roteiro do filme “Lula, o filho do Brasil”?

Presidente: Não conheço. Deixa eu te contar uma coisa. Quando os Barreto, porque são muitos Barreto, se propuseram a fazer o filme, eu não quis participar e inclusive pedi para que eles conversassem com os meus irmãos porque eu não gosto de ficar falando de mim mesmo, e porque tudo o que eu tinha que falar está no livro. De vez em quando alguém aparece lá no meu gabinete tentando me mostrar dez minutos, 15 minutos, eu não quero ver. Não quero, porque senão eu posso fazer o papel de censor: ah, eu não gosto disso, tira isso. Não. Deixa eles fazerem o filme do jeito que eles querem, o livro está publicado. Quando estiver para ser lançado, aí eu vou ao cinema assistir o filme.

Jornalista: Agora, Presidente, eu sei que o senhor tem compromissos aqui em São Paulo, e muitos, mas é uma oportunidade que a gente está tendo de tê-lo aqui com exclusividade, nos microfones da Rádio Capital. Quero até mandar



um grande abraço para todos os nossos ouvintes. O momento de maior audiência do rádio brasileiro é exatamente agora, 2h, hora da saudade, hora da presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva aqui no nosso programa.

Presidente, depois da Presidência o que o senhor pretende fazer? Porque já falaram que o senhor... já foi sugerida a presidência do Banco Mundial, já foi sugerido aí, pelo governador da Bahia, como secretário da ONU. O que o senhor imagina fazer, de coisas da vida agitada que o senhor tem. Olha, hoje é 23 de junho, véspera de São João, e eu acredito que o senhor não vai festejar o São João esse ano.

Presidente: Não vou ver. Não vou ver São João.

Jornalista: Então, depois da vida toda cheia de...

Presidente: Eli, veja, eu, depois que deixar a Presidência da República, eu vou ser ex-presidente. Vou voltar para casa com a minha família, vou continuar fazendo política, vou continuar a viajar o Brasil. Não tenho nenhuma pretensão, e não estou preocupado, não vou sofrer. Eu jamais aceitaria ser presidente do Banco Mundial, porque não é minha função ser presidente de um banco, ou seja, eu sou um político, quero continuar fazendo política. Eu pretendo continuar andando pelo Brasil, ajudando este país.

Eu aprendi muito, e também não posso desperdiçar esse aprendizado. A gente, quando está na Presidência, a gente aprende muito, mas muito mesmo. E eu acho que eu tenho que retribuir ao povo brasileiro os conhecimentos que eu adquiri na Presidência da República, exercendo o meu mandato e depois do meu mandato.

E eu também não quero pensar muito nisso, porque eu tenho um ano e meio de governo ainda pela frente, é muito tempo, Eli, um ano e meio é muito tempo. A oposição fica angustiada, mas ainda é muito tempo um ano e meio, e



eu tenho muita coisa para fazer, você não sabe. Por exemplo, o canal do São Francisco, levar água para 12 milhões de famílias no Brasil, tirando água e levando água para o Ceará, para o Rio Grande do Norte, para a Paraíba, para Pernambuco, isso é uma obra gigantesca, que vai ajudar o país de forma extraordinária.

Jornalista: Num primeiro momento se duvidou que essa obra saísse do papel, Presidente.

Presidente: Porque desde Dom Pedro, desde 1847 que se tentava fazer isso, mas a política não deixava. Então, eu resolvi enfrentar a política e fazer. Primeiro, o vice-presidente José Alencar trabalhou, depois o Ciro Gomes trabalhou, e agora o ministro Gedel está fazendo a obra. Falaram que não podia fazer, que ia desbarrancar o rio. Nós estamos recuperando toda a margem do rio, estamos fazendo saneamento básico em todas as cidades da margem do rio São Francisco, para que esse rio possa continuar perene e para que ele tenha água para atender aos brasileiros que não têm água.

De vez em quando, alguém fala: “É, mas está tirando água do rio São Francisco”. As pessoas que falam isso não sabem o que é uma mulher carregar um pote na cabeça por seis léguas, cinco léguas, quatro léguas. As pessoas não sabem o que é a pessoa ir num açude pegar uma lata d’água barrenta, com caramujo, e colocar dentro de uma cozinha para assentar, para beber. Essa pessoa fica na sua casa, tomando água Perrier na geladeira, criticando um projeto que vai levar água para os pobres.

Jornalista: Agora, Presidente, o senhor, quando tomou posse, no primeiro mandato, sofreu vários preconceitos. Ninguém acreditava que o senhor viesse a ter, seis anos e meio depois, esses índices, porque todo mundo achou que era o começo, era o início, sei lá o que, de repente o senhor está se mantendo



e, ao que tudo indica, vai terminar o mandato com um índice invejável. Quais foram os preconceitos que mais deixaram o senhor triste ou que o senhor, de certa forma, se vingou deles mostrando trabalho?

Presidente: Olha, eu vou contar uma coisa para você, Eli. Eu aprendi, a minha vida inteira, enfrentar preconceitos. O preconceito, na verdade, é uma doença. Então, ao invés de a gente ter raiva da pessoa preconceituosa, a gente tem que ter dó porque a pessoa é doente. Eu tinha preconceito por ser nordestino, eu tinha preconceito porque não tinha diploma universitário, eu tinha preconceito porque eu era metalúrgico, eu tinha... Tudo isso eu venci, tudo isso eu venci, e as pessoas...

Jornalista: Você já conquistou tudo o que queria?

Presidente: ...e as pessoas que tinham preconceito contra mim, na verdade hoje elas devem estar muito chateadas porque perceberam que eu venci o preconceito. A maior conquista minha foi fazer com que o povo pobre deste país se sentisse importante, recuperasse a autoestima e se sentisse como se estivesse no governo. Ou seja, é a primeira vez que o povo tem um presidente que ele sabe que é ele que está na Presidência da República. Essa é uma conquista extraordinária, que lava a minha alma. O maior orgulho que eu tenho é encontrar uma pessoa muito humilde em qualquer lugar do Brasil e ele me chama de companheiro Lula, ou seja, é uma identificação total e absoluta, não há distância entre eu e ele. Essa é uma conquista, porque um dos sonhos que eu tinha era mudar o patamar da relação entre sociedade e governo. O governo tem que ser uma coisa muito ligada ao povo, o governo não tem que ter medo do povo. O governo tem que ir em qualquer lugar. Qual é o presidente da República que já subiu na favela de Manguinhos, no Complexo do Alemão,



Pavão-Pavãozinho, na Rocinha? Eu já fui quantas vezes este ano lá? Sabe, vou...

Jornalista: O senhor esteve até no Amazonas, se emocionou, inclusive, recentemente...

Presidente: Eu vou em qualquer lugar, porque eu não tenho essa preocupação... Em qualquer lugar que tenha povo eu vou sem nenhum medo, sem nenhuma preocupação, e eu acho que essa é uma conquista importante. A gente nunca vai conquistar tudo o que a gente quer, Eli, porque o homem é obcecado de forma quase que infinita. Nós sempre queremos um pouco mais. Mas, do ponto de vista de governar o Brasil, eu me sinto um pouco... me sinto realizado, em parte, e espero terminar o governo com a conquista de 80% (incompreensível) realização.

Jornalista: Se o senhor fosse oposição, presidente Lula, como é que o senhor agiria no ano que vem para tentar ocupar o lugar de um homem que tem 80% de aprovação? Porque falar mal do Presidente vai ser difícil com 80% de aprovação do povo brasileiro.

Presidente: A oposição está em uma situação difícil, veja, porque eles não podem me criticar na área da educação; eles não podem me criticar na área da segurança, até porque a segurança, a maior parte da responsabilidade é do governo do estado; eles não podem me criticar na área econômica. Nós temos, hoje, o menor juro da história do Brasil, sabe, nós temos, hoje, o maior investimento da história do Brasil, o maior investimento em ciência e tecnologia, o maior investimento em universidade deste país. São 101 extensões universitárias por todo o território nacional. Quando a oposição fica em uma situação delicada - e eu já fui oposição, eu sei como é difícil a gente



criticar um governo que está indo bem - a gente começa a falar bobagem. E quando a gente começa a falar bobagem, a gente começa a perder muito mais. Portanto, eu acho que esse momento é um momento de tranquilidade. Acho que a oposição, tanto quanto eu, tem que torcer para o Brasil dar certo. Quanto melhor estiver o Brasil, melhor é para a oposição, melhor é para a situação. Achar que você só pode ganhar as eleições se tiver desgraça é um equívoco enorme. Como eu já fui oposição, eu posso dar um conselho à minha oposição: juízo.

Jornalista: Presidente, nós queríamos agradecer esta entrevista exclusiva em nome do presidente da rádio Capital, Nelson Morizono, do diretor-geral, Francisco Paes de Barros, nosso coordenador de Jornalismo que está aqui presente, Luiz Carlos Ramos. Luiz.

Jornalista: Boa tarde. Agradeço ao presidente Lula. É uma primazia muito importante para nós da rádio Capital, e com um grande comunicador, que é o nosso Eli Corrêa.

Jornalista: Eu queria que o senhor deixasse uma mensagem para a dona-de-casa que está ouvindo agora. Aliás, Presidente, neste momento, é o momento de maior audiência do rádio, chamado... é um quadro que eu faço todas as tardes, narrando uma carta, contando a história... exatamente o povo. Queria que o senhor mandasse um alô para essa dona-de-casa, para esse chefe de família que neste momento está ouvindo o senhor, ao invés da Carta da Saudade, mas com muita...

Presidente: Olha, Eli, primeiro eu queria agradecer esta oportunidade de a gente estar conversando aqui, agradecer ao Luiz. E dizer, Eli, às mulheres que estão nos ouvindo agora que não há nenhuma razão para que o povo brasileiro



deixe de acreditar no Brasil. Uma coisa que eu tenho orgulho é a conquista que nós tivemos, do ponto de vista internacional. Eu acho que de vez em quando o brasileiro se comportava como se fosse de segunda classe, diante de um europeu, diante de um americano, diante de um japonês. Eu acho que nós não devemos nada a ninguém, ou seja, nós somos grandes, um país extraordinário. O mundo precisa de alimentos e ninguém produz mais do que o Brasil. Nós temos uma capacidade de trabalhar fantástica, uma mão-de-obra que... eu tenho conversado com os empresários estrangeiros e eles elogiam a capacidade de aprendizado do trabalhador brasileiro. E eu queria dizer para as mulheres o seguinte: olha, levantem a cabeça, mantenham a esperança, porque este país vai se transformar em uma grande economia de verdade. Ou seja, quando você tiver que fazer uma viagem para Nova Iorque, para Paris, para Londres, você nunca mais vai chegar lá como se fosse uma cidadã de segunda categoria. Você vai chegar lá de pescoço erguido, com orgulho de dizer: “eu sou brasileira”, “eu sou brasileiro”, porque isso é uma conquista de autoestima que nós precisamos ter. E aí...

Jornalista: Quer dizer que essa mãe, essa dona-de-casa pode esperar um futuro melhor para os seus filhos?

Presidente: Ah, eu acho, sem dúvida nenhuma. Aliás, é uma obsessão minha deixar para os meus netos e para os meus filhos um mundo melhor do que aquele que eu recebi dos meus pais.

Jornalista: Presidente Lula, muito obrigado e boa tarde.

Presidente: Obrigado a você, Eli, e até a próxima, se Deus quiser.

(\$31DHJLP)